

Propostas de valorização da região de Villa Cardillio¹⁶

José Francisco L. SANTOS¹⁷

Resumo

Este artigo pretende sugerir o que poderá ser feito para revitalizar um sítio arqueológico do município de Torres Novas, em concreto uma villa romana conhecida como Villa Cardillio e respectiva região envolvente, ou seja, o Ribatejo, mais precisamente o Médio Tejo. Após abordarmos, de modo geral, o papel do arqueoturismo ou turismo arqueológico, a nível mundial, na valorização deste arqueossítio, proceder-se-á, sucintamente, ao estado da arte da sua investigação. Por fim, serão elencadas e avaliadas possibilidades destinadas à sua promoção, nomeadamente imagética.

Palavras-chave: Património, Arqueologia, Turismo, Arqueoturismo, Valorização.

Abstract

This paper suggests what can be done to revitalize an archaeological site from the municipality of Torres Novas, concretely a roman villa known as Villa Cardillio and its involving region, that is, Ribatejo, more precisely Médio Tejo. After we approach, generally, the role of archaeotourism or archaeological tourism, worldwide, for the valorization of this archaeological site, will be proceed, shortly, the research´s state of art. Finally, will be listed and evaluated possibilities for its promotion, in particular imagery.

Keywords: Heritage, Archaeology, Tourism, Archaeotourism, Valorization.

1. Introdução

A Villa Cardillio, no concelho de Torres Novas, tem conquistado algum destaque na comunicação regional ultimamente, bem como um artigo publicado na revista

¹⁶ O artigo mencionado decorre de parte da dissertação de mestrado do autor, intitulada “Villa Cardillio – contributo para a história da valorização de um sítio arqueológico”, defendida em 2021, na Universidade de Évora.

¹⁷ Mestre em Arqueologia e Ambiente pela Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora (2021) onde concluiu também a licenciatura em História e Arqueologia (2018).

josefranciscosantos@outlook.pt

Almadan, sobre as escavações realizadas no ano passado. Sabe-se, entretanto, que está prevista uma intervenção no sítio arqueológico ao nível da conservação, tendo já a autarquia aberto concurso para uma empreitada, mas que ficou num impasse .

Este trabalho vai ao encontro do que já está a ser efectuado pela autarquia, que é promover aquele sítio arqueológico. Como tal sugere-se um conjunto de propostas para alcançar esse propósito, que a autarquia torrejana não terá ainda mencionado ou sequer equacionado. Mas antes disso, haverá que perceber como é que podia ser valorizado o sítio. Por isso se ponderará a viabilidade da valorização de um arqueossítio, com o apoio do Turismo, ao mesmo tempo que se mencionarão algumas das intervenções que Villa Cardillio recebeu no passado, e que proporcionaram o seu reconhecimento nacional e internacional.

O n.º 1 do artigo 74.º da Lei n.º 107, de 8 de Setembro, de 2001, define Património **Arqueológico, como sendo:** *“todos os vestígios, bens e outros indícios da evolução do planeta, da vida e dos seres humanos, cuja preservação e estudo permitam traçar a história da vida e da humanidade e a sua relação com o ambiente”*.

A valorização do património arqueológico inicia-se com a identificação, estudo e classificação do mesmo. A classificação dos sítios arqueológicos serve dois objectivos: em primeiro lugar reconhecer institucionalmente o valor cultural do sítio arqueológico e depois conferir uma protecção legal impedindo a sua destruição (Silva, 2017: 19 e 20).

O património arqueológico integra o património cultural, uma vez que aquele sendo testemunho de bens com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, deve ser objecto de especial protecção e valorização. Desta forma, a arqueologia desempenha também uma importante função social nos projectos de restauro de prédios e edificações históricas, bem como na revitalização de cidades, vilas e povoados, identificando e divulgando aspectos da memória étnica e cultural, ou seja, a memória colectiva relacionada com os conhecimentos dos antepassados que ali se estabeleceram e que contribuíram para a configuração de um espaço singular. E como refere Trigger, parte da tarefa da arqueologia é enriquecer a compreensão das origens e da história (apud Carvalho, 2010: 58).

A solução mais comum, para converter o património arqueológico num meio endógeno promotor do desenvolvimento local, passa pela delineação de uma estratégia de promoção deste instrumento com vista à sua adequação ao turismo, na medida em que, além de ser um importante recurso, este património pode ser também

a principal motivação de visita turística. Este fluxo de visitantes motivado pelo património arqueológico designa-se vulgarmente arqueoturismo, consistindo na deslocação de visitantes a um determinado lugar denominado sítio arqueológico (ou museu de arqueologia), onde existem vestígios de sociedades antigas, passíveis de visita terrestre ou subaquática (Morais, 2010: 8).

Castelo-Branco (1967) questiona-se se os aspectos arqueológicos só despertarão a curiosidade de um escol de turistas, com cultura suficiente e formação adequada, isto é, com capacidade para entender o que é visitado. Refere ainda que há grande procura para visitar museus de arqueologia, como o antigo Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, que acolhe mais visitantes do que outros museus (Castelo-Branco, 1967: 32). E conclui que a arqueologia se destina a todo o tipo de público e que, para além dos museus, são de interesse os sítios arqueológicos (Castelo-Branco, 1967: 34).

Na sua Crónica de Arqueologia e Turismo – útil binómio a acautelar – José d’Encarnação refere que a nível governamental foi necessário chegar ao III Congresso Nacional de Turismo, em Dezembro de 1986, para se incluir como primeira das recomendações “**uma intensificação da colaboração entre os sectores do Turismo e da Cultura por forma a que, nacionais e estrangeiros, possam usufruir, na máxima plenitude, das diversas expressões do património cultural português**” (Encarnação, 1986: 241). Não obstante, menciona nesta mesma Crónica que “*cresci num ambiente em que, desde muito cedo, os vestígios arqueológicos foram encarados de uma óptica de aproveitamento turístico, ou seja, como mais um dos ingredientes da ementa turística da região*”. E continua dizendo: “*pelas suas características singulares – designadamente, a sua originalidade e antiguidade – exerce o património arqueológico incontestável fascínio. Cada vez mais susceptível de atrair visitantes e, cada vez mais também, importante elo de ligação das populações com as suas raízes ancestrais, os restos arqueológicos assumem um duplo papel – turístico e pedagógico – que de forma nenhuma se pode menosprezar*” (Encarnação, 1994: 73).

O turismo, na acepção moderna e contemporânea, é uma invenção europeia, com raízes no séc. XVIII (Pires et al, 2020: 3). Às viagens marítimas, religiosas e de negócios juntar-se-iam as viagens de recreio, que transformaram esta actividade num fenómeno económico e social, em constante mutação e desenvolvimento (Pires et al, 2020: 3).

O turismo, numa vertente específica, o turismo sustentável, através da metodologia que configure o planeamento estratégico participativo, pode contribuir para a democratização do conhecimento arqueológico e estimular, ou mesmo dar início e

aprofundar, diálogos entre a arqueologia e a comunidade. Um turismo de carácter participativo e sustentável pode auxiliar na elaboração de políticas públicas, no refinamento de suas estratégias e gerar reflexões para além das simples visitas de turistas sobre sítios arqueológicos, incentivando a criação de museus e sanando também a carência de instituições que forneçam endossos aos programas de arqueologia (Alfonso, 2012: 306 e 309).

A relação entre arqueologia e turismo permite consolidar, por um lado, os impactes positivos do turismo nas comunidades e, por outro, instar a que a arqueologia actue como mais uma das ferramentas disponíveis destinadas a melhorar a qualidade de vida e a promover a inclusão social das comunidades com as quais funciona (Alfonso, 2012: 310).

O turismo arqueológico, mas não só, é ideal para quem busca um conhecimento mais sólido, por outras palavras, científico, e de quantos se encontram vinculados à meditação e ao relaxamento, em perfeita sintonia com a envolvência ou ecossistema natural, em lugares antigos, designadamente nas imediações de ruínas de civilizações desaparecidas (Srivastava, 2015: 31). Nalguns países, operadores turísticos agregam locais e monumentos arqueológicos como produtos turísticos e disponibilizam passeios arqueológicos como sendo de interesse especial (Srivastava, 2015: 32). O turismo arqueológico combina uma paixão pelo passado com um sentido de aventura e descoberta: as pessoas deixam-se fascinar por vestígios antigos e históricos. O turismo arqueológico permite que os visitantes vivenciem, de algum modo, o passado e compartilhem a emoção da descoberta. A natureza às vezes inacessível dos sítios arqueológicos geralmente gera e medra o sentido de aventura.

O turismo arqueológico pode ser uma actividade lucrativa e uma indústria próspera (Srivastava, 2015: 34). Contribui para a educação da população em geral sobre culturas passadas e sobre a ciência moderna. Constrói apoio público a iniciativas de preservação. Desenvolve novos e importantes aliados económicos e políticos. O turismo arqueológico pode e deve ser muito educativo e entusiasmante (Srivastava, 2015: 36). O arqueoturismo não é, porém, isento de problemas pois, em muitos casos, o crescimento de visitas gera problemas de conservação preventiva e curativa ao público para evitar deterioração adicional. Em casos extremos, sítios inteiros são fechados. Saques e vandalismo são outro problema do turismo arqueológico. O aumento da consciencialização da importância de um determinado sítio pode atrair saqueadores e

vândalos. Bons planos de gestão de sítios devem fornecer segurança aos locais arqueológicos (Srivastava, 2015: 39).

Tresserras, apud, Oehmichen-Bazán (2008) define turismo arqueológico como aquele em que recursos arqueológicos se tornam atracções para turistas e / ou quando a principal motivação da viagem é a visita a zonas arqueológicas, muitas vezes incentivadas pela difusão de revistas como a National Geographic e outras publicações. O arqueoturismo tem crescido também como o próprio turismo desde os anos 80. O aumento de visitantes em sítios arqueológicos nas últimas décadas foi favorecido também pelas declarações sobre o património cultural da humanidade por parte da UNESCO. Por outro lado, o turismo arqueológico tem influenciado a criação de produtos de todos os tipos que favorecem a proximidade entre arqueologia e visitantes, a exemplo de rotas temáticas e recriações históricas (Oehmichen-Bazán, 2018: 1).

Sendo o arqueoturismo um segmento de mercado lucrativo, Pinter apud Oehmichen-Bazán (2008) ressalta que não há consenso sobre o papel desempenhado pelo turismo na arqueologia. Para alguns arqueólogos, a actividade turística é uma maneira de atrair recursos para investigação e protecção do local. Para outros, ela é eminentemente destrutiva, pois os interesses do mercado competem com os científicos (para proteger os sítios deve haver visitas programadas, evitar o manuseamento por parte dos visitantes, entre outros). Alguns motivos que conduzem turistas a sítios arqueológicos são a gastronomia, paisagem, singularidades da cultura contemporânea e interesse histórico mais generalizado. Complexificando ainda mais a relação da arqueologia com o turismo, certos movimentos indígenas, por exemplo, reivindicam o seu direito aos vestígios humanos localizados nos seus territórios, bem como aos sítios arqueológicos e objectos materiais construídos ou fabricados pelos seus antepassados (Oehmichen-Bazán, 2018: 2).

O turismo arqueológico pode incluir visitas a museus, locais de importância histórica, parques com foco histórico e arqueológico e até participação em danças tradicionais, festivais e outros eventos (Cahyadi, 2016: 548). O turismo arqueológico baseia-se igualmente em educação e pesquisa (Cahyadi, 2016: 549).

2. O Sítio Arqueológico de Villa Cardillio

Quanto ao sítio arqueológico de Villa Cardillio, ele situa-se na freguesia de Santa Maria, próximo de Caveira, a 3 km da cidade de Torres Novas. Sub-região do Médio

Tejo, da região Centro. Trata-se de uma antiga casa agrícola romana. Das escavações até há uns anos encontraram-se centenas de moedas (118 segundo Conejo Delgado, 2017, p. 99), pertencentes desde o século II d.C. até ao IV d.C., bem como cerâmicas, bronzes, ferros, anéis e uma estátua de Eros (Ver Anexo, imagem 1).

Este espólio encontra-se depositado no Museu Municipal Carlos Reis em Torres Novas, estando os materiais constituintes da estrutura edificante da villa no próprio sítio, *in situ*. Disto são exemplo os mosaicos em opus tessellatum e signinum, revestidos nos pavimentos com um tipo de argamassa chamada de formigão, o hypocaustum, um sistema de aquecimento e o perystilum, um claustro formado por colunas (Costa, 1982: 46). De salientar ainda um curigum, que continha água corrente, durante o Verão, permitindo não só regar o jardim, como refrescar o ambiente, conforme a descrição complementar da Villa Cardillio, no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico da DGPC. Existe *in loco* um centro interpretativo, inaugurado há cerca de 24 anos pelo Presidente da Câmara António Rodrigues, tendo como acessos a estrada para a zona industrial oposta à entrada da A23 no sentido Torres Novas/Entroncamento.

É provavelmente conhecida desde 1758 pelos priores das freguesias de Santa Maria e Salvador, referindo-se a **existência no sítio das Ferrarias** “*um largo campo semeado de antigos telhões*” que “*mostram os vestígios de ali estar antiga povoação*” (Sousa, 1999: 112).

Não obstante, a primeira notícia que se conhece da sua existência remonta a 1932 com o Pe. Eugénio Jalhay, quando escavava juntamente com o Tenente-coronel Afonso do Paço, uma necrópole na Gruta 2 de Alapraia. O Pe. Eugénio Jalhay pretendia averiguar o que por lá havia, quando acabasse esta escavação. De facto, assim aconteceu e desta averiguação obteve um primeiro achado em mãos – uma estatueta de barro – sobre o qual publicou um estudo. Este estudo deu começo à investigação daquele local, nos anos de 1935 e 1936. A partir desta data os trabalhos arqueológicos começaram a ser executados, já não com Jalhay nem Afonso do Paço, mas com o arqueólogo Manuel Heleno, que deu a aparecer os primeiros vestígios, um mosaico do tipo opus-tesselatum e de um balineum (Paço, 1963: 71 e 72).

Mas não durou muito para que as charruas voltassem a revolver os campos agrícolas na época das sementeiras danificando o que fora descoberto. Situação agravada pela ignorância que levou os proprietários a vender e doar pedras para que dessa forma pudessem cultivar o campo. O Ten.-Coronel Afonso do Paço escavou, parcialmente,

em 1963 e 1964, uma importante vila romana nos arredores de Torres Novas (Alarcão, 1967: 3) (Ver Anexo, imagem 2), iniciando-se já sem os distúrbios e inconvenientes das lavouras que destruíam o património arqueológico. Foi então descoberto um novo mosaico em melhor estado do que o anterior, embora não haja informação quanto ao método utilizado para impedir a destruição do património. Após o reconhecimento feito para resgatar o que fosse possível, é referida a existência de um grande peristilo com átrio e mosaicos, de um jardim quadrangular ao centro com um poço, os mosaicos apareciam com tons de azul, vermelho e amarelo sobre um fundo branco, havendo também nalgumas divisões pavimentos do tipo *opus-signinum*, e uma inscrição que não é habitual em latim referente ao casal e donos da villa, Cardílio e Avita, **“VIVENTES CARDILIUM ET AVITAM FELIX TURRE”**, sobre a qual Encarnação propôs uma leitura mais correcta (Paço, 1963: 73 e 74; Alarcão, 1973: 116; Encarnação, 2009: 21).

Intervenções efectuadas nos anos 60 puseram, entretanto, a descoberto bases de colunas, restos de muros, portais, tanques, canalizações pertencentes à traça da vila romana que contem aliás um grande património artístico, com a existência também de um Ostium, a entrada principal e de uma Exedra, uma sala ampla com abside monumental composta por quatro colunas para a realização de reuniões (Costa, 1982: 46).

Com o passar dos anos, o sítio foi esquecido e abandonado, a que se seguiu o falecimento do seu descobridor, Afonso do Paço, e subsequente interrupção dos trabalhos em curso (Alarcão, 1973: 115). Entrementes, a metodologia arqueológica foi evoluindo e novas técnicas foram utilizadas nas escavações, em particular a de Jorge de Alarcão, como o sistema de quadrículas, fotografia aérea, sondagens, técnicas de geofísica ou até mesmo ligadas à topografia. Até que chegamos aos anos 80.

No que concerne estritamente à campanha de 1980, tiveram lugar as primeiras prospecções com recurso a magnetómetro e ao sismógrafo, o que permitiu obter boas perspectivas sobre a presença de materiais ainda por desenterrar (Costa, 1982: 52 e 53).

Realizaram-se 10 campanhas ao longo da década de 80, na sua maioria com a duração de um mês, salientando-se, para lá de trabalhos de escavação, as não menos importantes obras de consolidação, restauro e reconstrução, bem como os trabalhos de topografia, fotogrametria e prospecção geofísica aplicada à Arqueologia (Monteiro, 1999: 102).

Nada, contudo, que pareça impedir o cenário algo árido quanto a novos dados sobre o sítio, excepção feita aos contidos em algumas publicações mais recentes, embora sem referências de maior à investigação arqueológica que tenha sido realizada entre a década de 90 e a actualidade, como “Os mosaicos de villa Cardilio. Tentativa de descrição”, de 1994, da autoria de Marta Nunes Ferreira, e a Tese de Doutoramento realizada por Maria Kremer, na Universidade de Trier (Alemanha), de 1999. Tese última esta que possibilitou o reconhecimento internacional do sítio, sobretudo a nível artístico, uma vez que a análise dos pavimentos geométricos de Villa Cardillio permitiu identificar características importantes dos mosaicos em Portugal. Entre outros aspectos, seria interessante, por exemplo, se novas campanhas de escavação a realizar na zona possibilitassem justificar o topónimo ‘Caveira’ através da existência de uma necrópole, o mesmo podendo ocorrer com o topónimo ‘Casal de Aires’ enquanto hipotética reminiscência do culto a Ares. Ademais, será permissível equacionar a presença de um vicus nas imediações da villa e da via que ligava Scallabis a Sellium, à semelhança do que sucede com o Santuário de Nossa Senhora de Aires, em Viana do Alentejo, entre a via de Eborá a Pax Iulia (Carneiro, 2008: 101 e 102)? É provável que, num futuro próximo, o lugar revele muito mais.

3. Propostas de Valorização de Villa Cardillio

Assim, sabendo que existe um mercado de turistas ligados ao património com a nostalgia do passado longínquo, poderiam existir nesses lugares ofertas fundamentais, como comida romana, vinho à romana, termas em funcionamento tipo spa e jacuzzi, cavalos para prática de equitação como no tempo da Roma Antiga, com um hipódromo denominado Díocles, em homenagem ao mais bem pago desportista de todos os tempos e que era Lusitano. A vontade de apreciar a envolvência, de chegar a um destino e deparar com algo que toque as nossas emoções, memórias, permite que possamos construir uma história para transmitir e assim criar novas memórias e emoções. Tudo, de forma pouco dispendiosa, distendida e que não suscitasse problemas ou incómodos. Mas no final tem de haver dividendos.

Trata-se de um conjunto de ideias que poderia ser exequível com os apoios ou financiamento estatal ou privado, ou seja, da DGPC, das Câmaras Municipais, de casas agrícolas das imediações e de empresas da zona, com vista a promover o desenvolvimento sustentável da região, gerar riqueza e rentabilizar os seus activos com

a distribuição dos ganhos. Junção de marcas em parceria, para anunciar, por exemplo, em feiras de turismo o nascimento deste conceito promovido com o apoio da comunicação social. Poder-se-ia, em alternativa, recorrer a um empréstimo bancário que pudesse ser liquidado pelas entidades referidas e por alguns mecenas, sempre com a garantia de persistirem nos objectivos em causa.

Os custos seriam associados a infra-estruturas a criar, a exemplo de um centro de interpretação histórica e da implementação de novas tecnologias de informação (como a criação de uma aplicação para smartphones ou tablets sobre as villae e época romana). Um projecto que podia originar novos projectos, incluindo um site institucional criado para todas as entidades associadas. O lucro proviria de entrada cobrada por um valor simbólico para o sítio sem guia e valor superior com guia, podendo existir preços especiais para crianças, para pessoas com deficiência ou outras situações particulares. Seria uma forma de cativar público, nomeadamente ao transmitir ideia de que o que é pago é e deve ser valorizado, mas disputando com outras existências neste sector que explorem também villae.

Podiam existir também roteiros que motivassem o interesse de putativos visitantes, como um dedicado a todas as villae do termo concelhio e até de concelhos vizinhos, intitulado **“Roteiro das Villae do Alto Ribatejo”**. Outro roteiro mais alargado, podia ser concebido com o nome **“Rota do Romano no Ribatejo”**, ligando diferentes tipologias de sítios romanos e de espaços com objectos romanos, nomeadamente museus e colecções.

Este consórcio de entidades parceiras podia, no caso de ser economicamente viável, colocar o seu capital numa bolsa de valores, mercado de acções, com a eventual entrada de algum accionista estrangeiro para fomentar a parte turística e proporcionasse obtenção de lucro. Provavelmente seria difícil sem uma entidade já bastante consolidada e com dinheiro a investir, embora compreendamos que, para a maioria dos economistas e de quem esteja ligado à alta finança, seria duvidosa a capacidade de sucesso desta iniciativa para um sector como é o património.

O que se pretende é transmitir a ideia de que o que é antigo pode tornar-se **“novo”**, permitindo, através da aprendizagem e da diversão, enriquecer, não só economicamente, as zonas ou localidades em que se inserem os sítios arqueológicos, mas também enriquecer, culturalmente, quem neles vive e visita, não descurando outras vertentes.

Tabela SWOT do investimento a realizar

Vantagens	Desvantagens
Desenvolvimento local e regional;	Custos elevados dos investimentos;
Aumento da auto-estima das comunidades locais e regionais;	Possíveis dificuldades na manutenção do projecto, a nível financeiro e a nível de conservação preventiva e/ou curativa dos arqueossítios.
Projecto em larga escala (praticamente inexistente no mundo);	
Várias entidades e organismos alcançariam reconhecimento e prestígio neste processo;	
Possibilidade de obter benefícios com sítios arqueológicos.	

A Villa Cardillio podia ter nas imediações uma réplica (como aconteceu em Wroxeter, Inglaterra, em 2011, com o contributo do canal de televisão Channel 4, da supervisão do professor arqueólogo britânico, Dai Morgan Evans, em nome da organização pública de beneficência English Heritage Trust e com o apoio de voluntários locais, entre outros) onde o visitante pudesse obter uma perspectiva arquitectónica da villa na escala mais próxima da realidade inscrita nos terrenos da envolvência, desconhecendo-se, no entanto, se seria viável no contexto nacional, podendo obter apoio da televisão, como o grupo RTP ou o canal História.

Um roteiro da Villa Cardillio também podia ser criado, a começar no centro interpretativo (Ver Anexo, imagem 3, este existe há mais de 20 anos, desconhecendo-se o arquitecto responsável e quem o mandou erigir, estando aberto ao público e com entrada gratuita, tendo como guarda das ruínas e guia o funcionário municipal que trabalha no local, o Sr. José Carlos). É possível lá encontrar a maquete da villa e uma pequena exposição do que foi nela encontrado até há pouco tempo, estando o espólio no Museu Municipal Carlos Reis, Torres Novas. De realçar que a villa tem a presença de um guia responsável pelo centro, carecendo este centro de remodelação para corresponder ao conceito e aos objectivos gerais de qualquer estrutura desta natureza. Será o caso do centro de interpretação Urbi Scallabis situado nas Portas do Sol, em Santarém, que acolhe espólio e património encontrado na Alcáçova e no centro

histórico, bem como novas tecnologias adaptadas à realidade que vivemos, que permitem uma abordagem mais enriquecedora e interactiva com os visitantes. Assim, na Villa Cardillio o roteiro podia prosseguir com um percurso interactivo, como se fosse um museu ao ar livre.

De seguida chegava-se à réplica: possibilidade de participar na confecção de pratos, degustá-los, com a criação de um restaurante com um nome típico adaptado ao local **designado como “A Adega do Cardílio” com decoração revivalista do período romano**, utilizando réplicas, o que permitiria revitalizar, por exemplo, algum do artesanato local. De sublinhar que seria uma forma de criar emprego, contribuindo, também assim, para o desenvolvimento sustentável do território e das comunidades. Os funcionários trajariam à romana ou com apontamentos de vestuário romano. Oportunidade de exploração especializada em gastronomia romana, com almoços, lanches e jantares. De referir que os produtos poderiam ser obtidos localmente, através de protocolos a firmar com produtores locais. Além disso, alguns dos produtos, como conservas e compotas, podiam ser vendidos numa pequena loja. O estabelecimento de uma residência nas imediações da réplica como uma pousada ou hotel rural e de uma coudelaria que permitisse percursos do tempo das legiões romanas pelas antigas vias, podiam constituir recursos acrescidos na procura pela revitalização do sítio e região onde se insere. As sinergias que por aqui podem despontar, no restauro desses caminhos, como a via de Olissipo a Bracara Augusta, que pudesse conectar-se à estrada real (Ver Anexo, imagem 4) junto à Villa Cardillio, abriria ou reforçaria o caminho de internacionalização do sítio, mas também à expansão dentro de Portugal deste negócio.

Outra hipótese de valorização deste sítio arqueológico seria o uso de novas tecnologias, como a modelação 3D e as plataformas de jogos de computadores.

Vizcaíno León (2013) refere que a incorporação dos avanços tecnológicos nos campos da infografia e do desenho gráfico virtual serviu como complemento e ferramenta valiosíssima no seu projecto de investigação, preservação e valorização do património arqueológico, como é a villa romana de Liédena, em Espanha, com recreações do mesmo através da visualização computadorizada (Vizcaíno León, 2013: 105). O mesmo podia ser feito na Villa Cardillio, também com o uso de drones, de aplicações acedidas em tablets e smartphones e da tecnologia Virtual Twin, que foi usada em Tomar no Convento de Cristo com a transformação digital da Charola, permitindo em contexto

pandémico visitar da forma mais realista possível este monumento nacional. Também se podia obter uma parceria com o CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, que forneceria as ferramentas, conhecimentos e oportunidades de colaboração necessários para apoiar investigação de ponta, iniciativas académicas, e usos inovadores de tecnologia, como é sublinhado no seu site, para além da já existente colaboração com a UNIARQ.

4. Considerações Finais

De lembrar que se deveria difundir os conteúdos científicos e patrimoniais produzidos sobre e a propósito deste sítio junto da comunidade da zona da Villa Cardillio, como reforço das propostas de valorização e promoção do sítio arqueológico, ao mesmo tempo que contribuiria para a elevação da sua própria auto-estima através de uma maior consciência do passado que herdou e deve, também por isso, valorizar.

Ana Cristina Martins (2020) ao usar o exemplo do templo romano de Évora como imagem identitária da comunidade eborense, faz pensar que a Villa Cardillio também possa ser uma imagem identitária da comunidade torrejana, transmitindo a ideia de cartão de visita da cidade de Torres Novas para o mundo, mostrando a importância e a necessidade de salvaguarda desta villa romana para benefício da população local (Martins, 2020: 21). Propõe, o que poderá também ser aplicado a Villa Cardillio, construindo um projeto que nos permita conhecer o monumento no seu território e na interação com as comunidades. Um projeto que possibilite avaliar a perceção que as comunidades vão estabelecendo sobre o monumento e o valor simbólico que carrega, desde uma perspetiva cultural, antropológica e sociológica (Martins, 2020: 22).

Para terminar, será de referir que os últimos dados recolhidos sobre a Villa dizem respeito a uma publicação na revista Almadan, uma notícia no jornal O Mirante, outra notícia no mediatejo.net e a Dissertação de Mestrado sobre este sítio arqueológico **defendida pelo autor em Dezembro de 2021, com o título “Villa Cardillio – contributo para a história da valorização de um sítio arqueológico”, que serviu de base a este artigo** e que pode ser consultada no repositório da Universidade de Évora. Muito, no entanto, haverá ainda que fazer para melhor compreender o sítio no passado e o valorizar no presente.

5. Bibliografia

- ALARCÃO; J. (1967) – Achados na Vila Romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*. Beja.
- ALARCÃO; J. (1973) – *Portugal Romano*. Lisboa: Ed. Verbo.
- ALFONSO; L. (2012) – *Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. Tese de Doutoramento.
- CAHYADI; H. (2016) – Integrating Archaeo-tourism with Geotourism Development. in Bantimurung National Park, South Sulawesi Province, Asia Tourism Forum – *The 12th Biennial Conference of Hospitality and Tourism Industry in Asia (ATF-16)*.
- CARVALHO; K. (2010) – Turismo Cultural e Arqueologia nos espaços urbanos: caminhos para a preservação do património cultural. *Turismo & Sociedade*. Curitiba.
- CASTELO-BRANCO; F. (1967) – A Arqueologia Nacional e o Turismo. Separata da *Revista “Ocidente”*. LXXIII. Lisboa.
- CONEJO DELGADO; N. (2017) – Villa Cardilio (Torres Novas, Santarém): una revisión desde la Numismática. *Portvgalia*. Nova Série. 38, Porto: DCTP-FLUP.
- COSTA; F. C. R. (1982) – Memória Breve sobre Vila Cardílio. *Nova Augusta*. 2ª Série (2), Torres Novas.
- ENCARNAÇÃO; J. (1986) – *III Congresso Nacional de Turismo* – Documentos. Porto.
- ENCARNAÇÃO, J. (2009) – **A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora**, *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell’Epigrafia*. *Atti del Colloquio AIEGL*. Borghesi, 2007. Faenzi: Fratelli Lega Editori.
- ENCARNAÇÃO; J. (1994) – Para uma Gestão Inteligente do Património Arqueológico. *I Curso de Gestão do Património Cultural – Comunicações*. Coimbra: Centro de Estudos e Formação Autárquica.
- Lei nº 107, de 08 de Setembro, de 2001.
- MARTINS; A. C. (2020) – Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões). *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- MONTEIRO; A. (1999) – A Vila Cardílio. *Nova Augusta*. 2ª Série. 11, Torres Novas.

- MORAIS; L. (2010) – Contributos da valorização do património arqueológico para o desenvolvimento local. *XII Colóquio Ibérico de Geografia*.
- OEHMICHEN-BAZÁN; C. (2018) – Archaeology and Tourism. *The Encyclopedia of Archaeological Sciences*.
- PAÇO; A. (1963) – Vila Cardílio, Estação Romana de Torres Novas. *Nova Augusta*. 2. Torres Novas.
- PIRES, A; CADAVEZ, C; HENRIQUES, J. (2020) – *Turismo, História, Património e Ideologia – Diálogos e Memórias*. Câmara Municipal de Cascais e Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA; J. (2017) – *A Valorização de Sítios Arqueológicos Romanos no Alentejo*. ISCTE-IUL. Dissertação de Mestrado.
- SOUSA; J. (1999) – Elementos Culturais de Vila Cardílio. *Nova Augusta*. 2ª Série. 11. Torres Novas.
- SRIVASTAVA; S. (2015) – Archaeotourism: an approach to heritage conservation and area development. *Global Journal of Engineering, Science and Social Science Studies*.
- VIZCAÍNO LEÓN, D; et al. (2013) – La reconstrucción virtual del patrimonio arqueológico al servicio de la divulgación y puesta en valor de la Villa Romana de Liédena (Navarra, España). *Virtual Archaeology Review*. 4, n.º 8.

ANEXOS



Imagem 1 - Escultura de mármore encontrada na Villa Cardillio (retirada do SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico em 31 de Agosto de 2021)

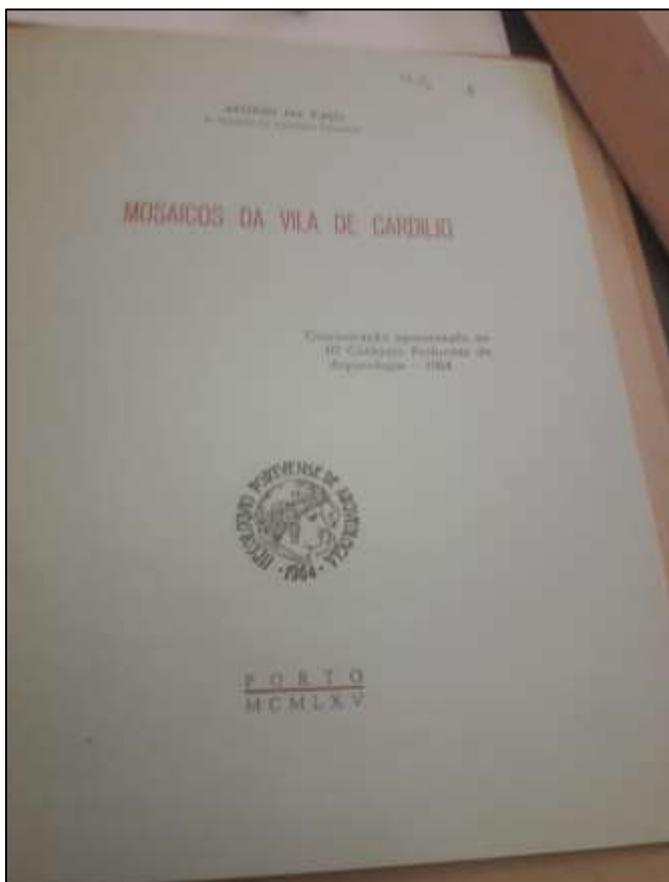


Imagem 2 - Página inicial de “Mosaicos da Vila de Cardilio” de Afonso do Paço (fotografia tirada pelo autor em 2019 na Biblioteca Nacional de Portugal)



Imagem 3 - Fotografia do centro interpretativo da Villa Cardillio (retirada da notícia no site do mediatejo.net “Villa Cardílio: As ruínas esquecidas de Torres Novas”, por Cláudia Gameiro e datada de 21 de Janeiro de 2016)



Imagem 4 - Ortofotomapa de 2012 (retirado pelo autor, do SIG do Município de Torres Novas em 2015, vista aérea da zona de implantação da Villa Cardillio junto à estrada real, tracejada a vermelho no mapa)